



NÓS

UM LIVRO PRA SE CHAMAR DE ESPELHO

"Nas páginas que se seguem, convido você a mergulhar em um mundo de imaginação e reflexão. Este livro, o primeiro da série SINZAS, é uma obra de ficção que nos leva a explorar a vida humana sob uma luz única, onde a semelhança com a realidade pode ser apenas uma mera coincidência.

Ao longo deste livro, pretendo desvendar a complexidade da existência humana, revelando como a mente do autor inadvertidamente deixa sua marca nas palavras que cria. A arte, em sua essência, é bela porque tem o poder de expressar as múltiplas camadas que influenciam nossa jornada, muitas das quais passam despercebidas em nosso cotidiano.

A proposta mais intrigante da vida é compreender que a consciência, essa pequena faísca que chamamos de "eu", é apenas uma ferramenta em um universo muito maior. Nossa percepção se estende além do que podemos ver, convidando-nos a enxergar o próximo e a contribuir para a história que todos nós compartilhamos. Este livro é uma tentativa de fazer

exatamente isso, promover algo valioso para nossa história coletiva, de modo que o fio da vida continue a se desdobrar e evoluir.

O título "SINZAS" guarda segredos e histórias que revelarei ao longo das páginas seguintes. Se você deseja conhecer a emocionante jornada de uma criança moradora de rua que ascende às alturas mais inimagináveis, mergulhe na introdução e leia algumas páginas. Este é o primeiro passo em uma jornada que promete surpreender, cativar e, acima de tudo, inspirar.

Agradeço por embarcar nesta aventura literária comigo e espero que desfrute da jornada que preparei especialmente para você. Boa leitura!"

O autor.

Índice

0-Glossário

1-Introdução

2-A vida de lá pela morte de cá

3-O meu amigo

4-Um truque mais velho que andar pra frente

6-Uma Boa Aliança

7-Dia de pagamento

8-O Camisa Preta

9-Uma determinação da Sintonia

10-Seja bem-vindo ao Hotel Califórnia

11- Televisão uma ferramenta do mal

12-O dia das mães sangrento

13-Minha fatia de mercado

14-A origem do Russo

15-A chegada do Dragão

16-A União faz um bom açúcar

17-O estatuto do C.C.U

18-Primeira Guerra Sul-americana do Crime organizado

20-Vila de sangue no Oriente

21-Um grande mal entendido

23-Um intruso a bordo

24-Esmola demais

25-Nada é mais será como era antes

26-Ordem Fraternal Mundial

26-O começo do Fim

28-Final nada feliz

Glossário

Introdução

Bem-vindo ao mundo de "SINZAS" – uma série que desvela a história de uma criança que, um dia, viveu à margem da sociedade, mas que, contra todas as probabilidades, chegou ao topo. Esta é a história de um sobrevivente, de alguém que se recusou a aceitar seu destino pré-determinado e optou por forjar seu próprio caminho em meio às ruas empoeiradas e esquecidas da cidade, onde a luta pela sobrevivência é brutal e implacável, onde as crianças são lançadas ao abismo da solidão, nossa história começa. Mas esta não é uma narrativa de desespero, é uma história de resiliência, determinação e a crença de que o destino pode ser moldado pelas próprias mãos.

No coração desta narrativa está a busca incansável pela identidade, pela verdade que reside nas profundezas de cada pessoa. É uma exploração da complexidade da experiência humana, onde encontramos sombras do passado, sonhos de um futuro melhor e os laços que conectam todos nós nesta vasta teia chamada vida.

À medida que você mergulha nas páginas deste livro, convido-o a acompanhar nossa protagonista, a sentir suas alegrias e desafios, suas vitórias e derrotas. Convido-o a se perder neste mundo fictício, mas tão real em suas emoções e dilemas.

Esta é uma história que desafia nossas percepções, que nos leva além dos limites do que pensamos conhecer. É uma jornada que promete surpresas, reflexões e, acima de tudo, inspiração.

"Este é o começo de uma série que promete cativar, emocionar e provocar reflexão. Agradeço por embarcar nesta aventura literária comigo. Prepare-se para uma experiência que vai além das palavras, uma viagem que convida você a olhar profundamente para dentro de si e para o vasto universo que nos rodeia. Boa leitura!"

A vida de lá pela morte de cá

Sejam bem-vindos a São Paulo, semana de Natal de 1991. As árvores das praças estão iluminadas. Uma mulher corre e atravessa a rua sob efeito de drogas. Está grávida, a julgar pela barriga que parece que vai dar à luz em alguns dias.

Ela para no meio da rua, está alucinando, quase sendo atropelada por um carro. O pneu derrapa, cheiro de borracha queimada sobe, motorista buzina, carro passa por um triz.

E ela se mantém imóvel, segura em suas alucinações. Essa pobre mulher vive para o sustento do vício, e por conta disso enfrenta diariamente o inflexível dilema de sobreviver invisível aos olhos de todos.

O filho que ela espera é consequência da busca pelo sustento desse vício. O garoto pode ser filho de um traficante qualquer ou de algum outro nóia que "fortaleceu" numa pedrinha de crack em troca de uma noite de lascívia na maloca suja.

Ela nem se lembra quantas noites foram ou quantas ainda faltam para que um dia ela possa se

ver livre da dívida. Não demora muito para a criança nascer, e nasceu no dia 25 de dezembro.

É noite de Natal e na selva de pedra nasce um menino. Reze para Cristo, como diz a história. Nasce mais um "pobre menino pobre" no habitat onde "misericórdia" só vai achar escrito em algum livro de capa preta debaixo do braço das tias da igreja. Seja bem-vindo ao mundo, menino.

Aqui contaremos a história de uma vida. Uma vida se começa a contar pelo começo. Quase todo garoto da rua é, de alguma forma, igual ao nosso "pobre menino pobre". É uma regra do jogo. O garoto até recebeu atenção, pois a "mãe-nóia" se esforçava muito para manter o bebê vivo. Já sobreviveu a inúmeras tentativas de aborto. A sobrevivência era divina para a mente sequelada jovem usuária de crack.

O bebê nasceu perfeito, apesar das tentativas criativas de aborto e do uso contínuo de crack durante a gravidez. Por isso, ela o chamou de Vitório, nome que não pegou. Além disso, a infeliz só viveu até o pequeno Vitório completar 1 ano.

O destino impiedoso não deu importância à partida da mulher que enfrentou as tormentas da vida nas margens da sociedade. Ela desapareceu em meio a sombras, uma existência que se extinguiu sem deixar rastros. Cicatrizes, físicas e emocionais, marcavam o corpo dela, remanescentes de uma vida repleta de sofrimento e lutas.

O sorriso que raramente surgia estava longe do brilho do Colgate, seus dentes escassos não conheciam o cuidado da higiene bucal, no dente que faltava.

A vida dela era um enigma que não importava à ninguém, um testemunho silencioso de dor, e seu jeito cadavérico de andar parecia refletir que ela já estava cumprindo horas extras entre os vivos.

Vitório, por sua vez, crescia sem a mãe que partira abruptamente de sua vida. Nos primeiros anos, ele encontrou amparo na presença de tia Francisca, uma ex-prostituta que fora amiga de sua mãe antes da decadência causada pelas drogas.

A rotina do garoto era simplória, concentrando-se na busca por comida e um lugar para dormir. Em pouco tempo, ele entrou no círculo de outros garotos que compartilhavam sua realidade e, com eles, descobriu a semente da ambição que logo floresceria em ganância. Afinal, não importa o quanto se pague, o ser humano está disposto a dar qualquer coisa para conquistar o que deseja.

E ele estaria disposto a pagar um preço ainda mais alto pelo que acreditava estar fora de seu alcance.

Vitório mostrou-se um vigarista mirim nas ruas de São Paulo, enganando desavisados com sua lábia astuta. Na infância, ele teve seu primeiro encontro com a maravilhosa e entorpecente cola de sapateiro, uma aliada para enfrentar as noites gélidas. Foi nesse cenário que, em uma dessas noites frias, ele fez a transição para o crack, uma pedra capaz de transportá-lo para um estado de êxtase angelical, fazendo-o sentir-se o único habitante de um universo repleto de sensações intensas. No entanto, a euforia efêmera era seguida pela cruel realidade, abandonando-o no inferno terreno, onde os anjos caídos zombavam de sua existência oprimida.

O uso do crack cessou quando Vitório tinha seis anos. Ele estava agachado sob uma marquise ao lado de Clebinho, que na época tinha 10 anos. Juntos, eles prepararam as cinzas de cigarro sobre os furinhos feitos na lata de refrigerante. Vitório não tinha muita coordenação para executar a tarefa, mas contou com a ajuda de Clebinho aquele dia. Depois de consumirem a droga, Clebinho esticou um colchonete no chão e se cobriu, protegendo-se do frio da noite paulistana. Era por volta das onze e meia da noite e o frio cortante permeava a cidade.

Vitório, por sua vez, afastou-se um pouco em busca de abrigo contra o vento. Seus destinos eram traçados por escolhas difíceis, e a cidade continuava seu ritmo indiferente ao que acontecia nas sombras.

Após alguns minutos de busca por um local protegido do vento cortante, Vitório finalmente encontrou um lugar que lhe proporcionava algum abrigo. Movido por uma necessidade intensa, ele acendeu e tragou aquela pequena pedra de crack. No entanto, antes que pudesse compreender completamente a situação, a voz de seu amigo Clebinho invadiu sua mente, gritando palavras de súplica e desespero:

–Não “faz” isso, moço, por favor!

Mas Vitório estava completamente imobilizado, suas funções cognitivas sobrecarregadas pela química que inundava seus neuroreceptores. Ele lutou para se mover, mas seus movimentos assumiram um aspecto quase simiesco, a dificuldade refletida em seus gestos desajeitados. Seu olhar vagueou para alguns metros adiante, onde pôde vislumbrar uma cena macabra.

Homens de casacos de couro, cabeças raspadas e tacos de beisebol punham em prática uma violência cruel sobre Clebinho, chutando-o em um ritmo frenético. Vitório testemunhou a brutalidade inimaginável de forma imóvel, seus sentidos obscurecidos pelo poder do crack. Ele tentou gritar, mas sua voz estava aprisionada, sua garganta produzindo apenas um silêncio assombroso.

Então, um dos carecas, marcado por uma tatuagem no pescoço, aproximou-se do carro e inclinou-se sobre a janela. Ele pegou um galão de cinco litros cheio de gasolina e, sem hesitar, começou a despejá-lo sobre Clebinho, que implorava com desespero, suplicando por piedade e clamando pelo amor de Deus. No entanto, seus apelos caíam em ouvidos surdos, pois nesse mundo cruel, "deus" é filho do senador, tacando fogo em moradores de rua.

Naquela noite sombria, Clebinho foi consumido pelas chamas, sua vida sendo levada de forma tão violenta e injusta. Vitório, paralisado pelo efeito da droga, assistiu a tudo de maneira imóvel. A cena se desenrolava diante de seus olhos, enquanto o poder do crack o mantinha prisioneiro de sua própria mente.

À medida que o efeito da droga começou a se dissipar, a realidade brutal e triste se fez presente. Seu amigo Clebinho já não era mais que um

cadáver em chamas, deitado sobre um colchão sob uma ponte anônima em São Paulo. Cenas como essas, embora chocantes e terríveis, eram lamentavelmente comuns em um mundo onde cada vida parecia valer menos.

Vitório, marcado pela terrível experiência da morte de Clebinho, tornou-se mais astuto e cauteloso. Ele abandonou o uso do crack e decidiu que sempre dormiria sempre na proteção da maloca de dona Francisca. No entanto, as lembranças daquela fatídica noite continuavam a assombrá-lo, manifestando-se através dos gritos de Clebinho que ecoavam em sua mente durante as noites insones.

Apesar das circunstâncias sombrias, Vitório alimentava sonhos e anseios. Ele observava os comerciais na televisão e, por um momento, conseguia vislumbrar um futuro que se assemelhava à perfeição apresentada nos anúncios de margarina. Era uma vida que parecia estar do lado de lá, além das cicatrizes e das ruas escuras, um sonho impossível.

Contudo, o medo ainda persistia. Vitório temia os policiais "normais", aqueles que praticavam uma espécie de tortura mental e empregavam a brutalidade como método de ensinamento.

Ser pego cheirando cola significava surras e abusos inumanos. No entanto, o maior temor eram os "policiais da sexta-feira santa". Aqueles que atacavam moradores de rua, lançando água, lixo e urina, ou atirando para o alto, como se fossem a personificação da crueldade institucionalizada.

Vitório sabia que sobreviver nas ruas significava ser invisível aos olhos da polícia. Ele não queria ser lembrado e evitava qualquer contato com as autoridades. Ele também preferia a solidão dos roubos individuais, pois compartilhar os lucros com outros trombadinhas era algo que não o agradava. Sua agilidade lhe rendia sucesso nos roubos "no tapa", onde o ato de surpreender e sair correndo era a chave.

O garoto logo aprendeu a pedalar em uma bicicleta. Apesar de sua falta de coordenação e equilíbrio, ele conseguiu dominar a arte de se locomover sobre duas rodas. Certo dia, ao avistar uma bicicleta desatendida na frente de uma loja, sua oportunidade não foi desperdiçada. Ele a tomou de assalto, sentindo o coração bater descontroladamente em seu peito.

A adrenalina impulsionava-o, mas logo ele notou que o dono da bicicleta, enfurecido, vinha atrás dele clamando por ajuda. O grito ecoava "Polícia, polícia, alguém me ajuda, esse moleque roubou minha bicicleta!" A ameaça era real, e Vitório pedalava com desajeito, alternando entre subir calçadas e esbarrar em transeuntes. Sua falta de equilíbrio era compensada pela urgência de escapar.

Enquanto ele se afastava, o homem continuava a clamar por socorro, atraindo a atenção de todos ao redor. Vitório cruzava cruzamentos, provocando caos no trânsito enquanto os carros derrapavam em resposta às buzinas cantavam em coro. A perseguição estava em andamento, e Vitório se via imerso em uma fuga frenética pelas ruas da cidade.

Com a fuga bem-sucedida, a bicicleta e Vitório pareciam ter se fundido em um só, como se fossem uma extensão natural um do outro. A bicicleta tornou-se um troféu valioso, uma conquista que Vitório decidiu guardar para si. Aos seus seis ou sete anos, ele não apenas havia escapado da perseguição, mas também ganhado um novo meio de transporte, um tesouro nas ruas sombrias onde vivia.

Determinado a convencer seus amigos, Poco Rango e Japenga, de que manter a bicicleta seria vantajoso para o grupo, Vitório usou um argumento convincente: a comida providenciada pelas marmitas distribuídas pela igreja na praça naquela tarde. Graças a essas refeições, eles não teriam que dormir com fome naquela noite. Era uma perspectiva tentadora, e Vitório contou com a simpatia de Poco Rango e a empolgação contagiante de Japenga para consolidar sua ideia.

Enquanto a noite caía e a luz do sol dourava as ruas em um crepúsculo alaranjado, o grupo planejava seu próximo passo. Observaram o sapateiro do outro lado da rua, fechando sua sapataria e encerrando mais um dia de trabalho. O destino parecia ter sussurrado uma oportunidade tentadora em seus ouvidos.

Concordaram que esperariam um pouco mais, até que a escuridão proporcionasse o cenário ideal para a invasão. As sombras ganhavam vida à medida que o sol se punha, tornando-se cúmplices silenciosos de suas intenções. Vitório, Poco Rango e Japenga sentiam a adrenalina pulsar em suas veias enquanto imaginavam a quantidade de cola que a sapataria poderia conter.

No entanto, a invasão demandaria cautela e um plano sólido. Japenga, conhecido por sua tendência estratégica, propôs discutir os detalhes da operação antes de agir. Ele queria garantir que tudo ocorresse sem problemas, minimizando os riscos. Porém, Poco Rango e Vitório pareciam menos preocupados com estratégias complexas e mais focados na excitação do momento. As risadas debochadas e as brincadeiras direcionadas a Japenga o convenceram a abandonar sua abordagem meticulosa, já que ninguém estava o levando a sério.

E assim, enquanto a noite se aproximava e a cidade aumentava o ritmo, eles observavam a sapataria mergulhar na escuridão que beijava o fim do crepúsculo, aguardando o momento perfeito para agir. A determinação nos olhos deles, as risadas abafadas e a sensação de camaradagem entre eles criaram uma aura de cumplicidade e amizade entre os três, mesmo em meio a crueldade da vida nas ruas.

Japenga sempre metódico perguntou:

–E quem vai ficar de campana quando a gente entrar na loja? vocês lembram o que aconteceu da ultima vez né, sorte que eu ouvi aquela velha abrindo a porta, não levamos porra nenhuma!

–E as bolacha os danone? fala seu eu não fui brabo, ja entramo pela cozinha se loko estoramo. Disse poco rango.

–É no papo poco rango estoramo comemo bem aquele dia, e japenga o sapateiro não é a pousada da Veia Cida depois que ele fechar e sair só vai voltar pra abrir amanhã de manhã, dessa vez a gente vai até descolar uma grana.

Disse Vitorio dando um sorriso que foi respondido pelos amigos e virou uma risada entre os três.

A noite chegou rapidamente, e eles não perderam tempo. Arrebentaram a janela dos fundos sem muita cerimônia e pularam para dentro da sapataria escura, esgueirando-se entre as prateleiras em busca da tão necessária cola de sapateiro. No entanto, as crianças não contavam com o retorno inesperado do sapateiro.

E pelo visto nem sua mulher, pois ao chegar em casa, ele se deparou com a cena de sua mulher deitada na cama com outra mulher, delirando de prazeres que ele jamais lhe proporcionaria. Movido por uma raiva que quase o fez cometer um crime passional, ele pegou seu revólver calibre 32 com três balas, planejando matar as duas e depois a si mesmo. O número de balas confirmava o que era destinado a acontecer naquela noite. No entanto, sua coragem não foi suficiente, e ele voltou para a sapataria, armado e chorando, considerando se matar no único lugar onde ainda se sentia útil, onde ainda se sentia homem, na sua oficina.

Durante o trajeto, lágrimas e soluços se misturavam, e sua figura cambaleava pelas ruas escuras. Cada passo parecia um esforço sobrenatural, uma dor interna que se manifestava fisicamente. Olhos inchados e embaçados, ele sussurrava perguntas sem respostas, talvez para si mesmo, talvez para Deus. Seus questionamentos ecoavam em sua mente enquanto seguia seu caminho, um filme de memórias felizes com sua esposa se intercalando com a cena chocante das duas mulheres na cama.

A lembrança das traições se sobrepunha, martelando em sua mente, uma tortura mental que o consumia. Após 15 minutos de caminhada chorosa e contorcida, o sapateiro chegou à sua oficina e começou a abrir o portão.

Enquanto isso, as crianças perceberam sua abordagem e rapidamente se esconderam. Japenga sussurrou a pouca distância, expressando sua insatisfação pelo fato de não terem mantido alguém vigiando. A luz dos postes projetava sombras na loja, permitindo que eles trocassem olhares enquanto Japenga repreendia a falta de vigilância. O sapateiro adentrou a loja, percebendo que alguém havia entrado pela janela dos fundos. Intrigado, perguntou: